

STIEP

PMS	GERIN
Jornal A Tarde	
Data 28/09/02	
Local Local	4
Assunto Bairro	

Criação do Stiep ajudou ocupação da orla

NOSSO BAIRRO



TAXA MENSAL
Como em outros locais, população paga para combate à criminalidade

JOSÉ CASTRO

Há 33 anos surgia em Salvador um bairro que, se não enchia os olhos de quem ali fosse morar (apesar de estar situado em uma área paradisíaca, com dunas, lagoas, cajuieiros e aves), era motivo de orgulho para uma categoria profissional que ali se fixou por esforço do seu sindicato. Assim começou a história de um trecho urbano edificado sobre as semidesabitadas terras da antiga Fazenda ABC, adquiridas pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Petróleo (Stiep) em meados dos anos 60.

Engana-se, contudo, quem pensou que o novo bairro, ocupado pelos primeiros moradores em fevereiro de 1969, ganharia de primeira o nome pelo qual é conhecido. Inicialmente chamou-se Loteamento Vale do Camurujipe, reduto dos petroleiros da Bahia e homenagem ao hoje imundo rio que separa o bairro da Pituba. O nome não pegou, como se sabe. As pessoas se acostumaram a designar o local pelo sindicato que o originou: "Ali, no Stiep", diziam, para se referir à localidade que hoje pertence à Administração Regional IX, sediada na Boca do Rio, e que fica entre Armação, Pituba, Conjunto dos Bancários e Vale dos Rios.

"Naquele tempo dava trabalho sair daqui. Tinha que paletar (andar) na lama até onde hoje é o Costa Azul e depois pegar o ônibus de Itapua, ou então pegar carona por aqui mesmo, nos Jipes que o pessoal da Petrobras tinha", relembra Jurandi Guerreiro, aposentado e integrante da primeira leva de moradores. Juntamente com a família, ele mora na quadra 4, a primeira das oito quadras originais que compõem o bairro.



Foto: Elói Corrêa

Em relativamente pouco tempo, as casas originais ganharam a vizinhança de prédios altos

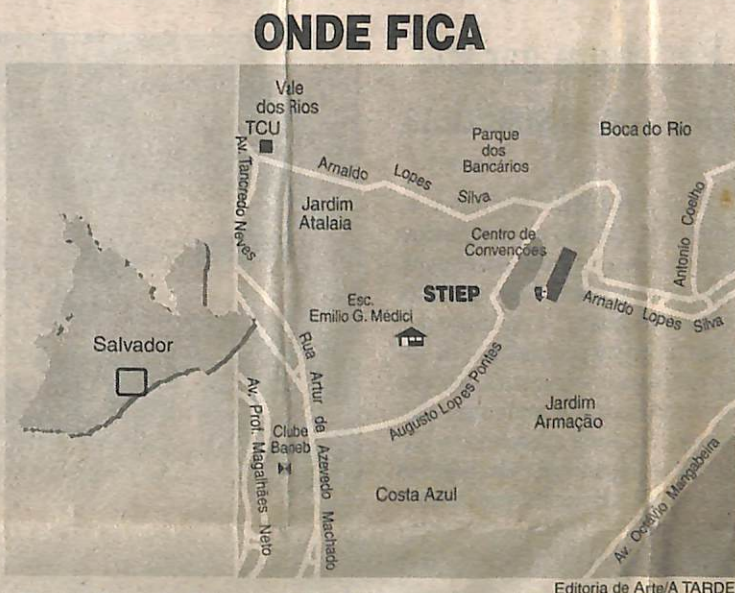
Atualmente, a subida do Stiep (Rua Leopoldo Miguez) é muito criticada por novos e velhos por causa do asfalto acabado e pela ausência de passeios urbanizados.

Insegurança

Conhecido pela tranquilidade que dominou as décadas passadas, o Stiep não ficou imune ao crescimento da marginalidade que assola Salvador. Hoje também é órfão da segurança pública. Moradores apontam como foco da criminalidade os excluídos que moram nas invasões do Paraíso e do Inferninho. Mas, diabólico mesmo, neste tempo de instabilidade econômica, é o pagamento de R\$ 30 mensais que cada família tem que tirar do orçamento para bancar a segurança particular.

"Muitos assaltos estão acontecendo no bairro. Houve uma reunião com a 39ª Companhia Independente da Polícia Militar e com a delegada da 9ª DP (Boca do Rio) e eles disseram que as pessoas assaltadas não dão queixa, por isso o Stiep é considerado um bairro calmo", explicou o presidente da Associação dos Moradores do Stiep, Jairo Câmara.

Essa calma oficializada é veementemente contestada pelos comerciantes da Rua Gabriel Passos, principal via



Editoria de Arte/A TARDE

do miolo residencial. O Mercado Maripães foi um dos "visitados" recentemente. Quase de frente, na mercearia Casas Bina, os assaltantes fizeram duas incursões, sempre às sextas. "Na semana retrasada veio um cara com um revólver e roubou. Na semana passada vieram dois, um deles com uma minimetralhadora. Segurança aqui não tem nenhuma", comenta o funcionário da mercearia Gidevaldo Reis da Silva. Outros dizem ainda que as viaturas em ronda passam muito velozes e por isso não dá para perceber assaltos.

Religião

O socorro espiritual também está presente no bairro, por meio de diversos templos. Para os católicos, há a Paróquia e Igreja de Nossa Senhora da Esperança. Já os protestantes contam com o templo da Igreja Batista Lirio do Vale. O ensino superior é oferecido pela da Faculdade Integrada da Bahia (FIB), que instalou seu campus na Rua Xingu, junto ao Jardim Atalaia. Alguns bairros surgiram na vizinhança do Stiep, como o Conjunto dos Bancários e o Vale dos Rios.

Um futuro comercial

Dois lados de uma mesma moeda coexistem na progressista área do Stiep. Por um lado, o surto de desenvolvimento que a área sofre, como consequência direta do novo pólo empresarial que se tornou a Avenida Tancredo Neves. Por outro, há o patrimônio ecológico que se estende sobre as dunas que ainda restam intactas na área situada entre o bairro e o Jardim Armação, na orla.

O caráter residencial já começa a perder lugar para o comercial, principalmente nas ruas Doutor José Peroba e Edistio Pondé, nas imediações da Fieb, onde suntuosos prédios comerciais começaram a ser erguidos ainda no final da década de 90. "Até os centros médicos da Avenida Garibaldi estão se dirigindo para este lado porque o crescimento se iniciou há cerca de três anos e ainda tem muita empresa para vir pra cá. Vai ser como era o Centro antigamente", aposta o administrador dos edifícios empresariais Elite e Costa Azul, Elias Júnior. Consequências, como haveria de ser, aparecem: dificuldades de estacionar e desgaste da pavimentação, muito criticada, por sinal.

Everaldo Queiroz, 47 anos, cresceu junto com o Stiep. Das estripulias de menino, colhendo pitangas e cambuí, até a sua formatura em Biologia, muitos caminhos de areia foram removidos e outro tanto de mangues aterrados. "As dunas são inextinguíveis", pontua. "Havia muita vegetação de restinga e

pássaros, como jacanãs, marrecas, gavião caramujeiro, caracará, aruás e outros que já não vejo sumiram daquele sistema", comenta o biólogo. "Estes aterramentos que o bairro sofre alteram o equilíbrio hidrológico, pois diminuem a área de penetração da água nos areais e reduzem também a água que alimenta o lençol freático", contrapõe.

Lazer

Para os mais jovens e esportistas, o ex-Clube do Baneb é a opção de lazer do bairro, embora paga. Quadra ou campo de uso público não há. Logo ali, onde o "baba" comia solto antes de construir casas sobre o terreno sagrado das quatro linhas. Roberto Leguelé, Beijoca, Bebeito, Carlinhos Baiano e outros por ali brincaram com a pelota, demarcando uma tradição que o bairro tinha de incentivar os esportes. Os malhados e malhadas podem modelar seu físico de graça na pracinha que há no fim da Rua Aloísio Oliveira.

Os mais despojados têm como opção uma roda de dominó que acontece no Bar do Jair ou então jogo de buraco no Bar do PM (sigla de caráter jocoso e impúblico, mas que tem a ver com o perfil dos fregueses, a maioria aposentados). O dono do bar é João, que já se acostumou com a galhofa dos frequentadores — quase sócios, de tão assíduos, fazem questão de frisar.



Foto: Elói Corrêa

Há problemas, mas moradores consideram bons os serviços